

Com Arte
e
Com Júbilo

Rev. Alderi Souza de Matos

Com Arte e com Júbilo

Geralmente aquilo que fazemos falando (louvar, orar, ensinar), também podemos fazer cantando. Todavia, por suas qualidades inerentes, a música tem um poder muito maior de inspirar, impressionar e tocar profundamente o intelecto, as emoções e a vontade. Isto mostra a importância desse poderoso recurso para a igreja e para a fé cristã.

1. A importância da música na Bíblia.

- (a) No Antigo Testamento: o rei Davi, ele mesmo um músico talentoso, estruturou a atividade musical em Israel, em conexão com a vinda da Arca da Aliança para Jerusalém. Textos como 1 Crônicas 13.8; 15.16-24,28; 16.7,41-42 mostram a grande ênfase dada à música instrumental e vocal no contexto do culto a Deus. Entre os levitas, a tribo encarregada do culto, havia um grupo específico de cantores... e cantoras (ver Esdras 2.65). Os Salmos eram nada mais nada menos que o hinário de Israel.
- (b) No Novo Testamento: a mesma ênfase à música e ao louvor continua a ser vista no Novo Testamento. É significativo que no Prólogo do Evangelho de Lucas, com suas narrativas dos acontecimentos relacionados com o nascimento de Jesus, quatro belos cânticos são incluídos. São eles o cântico de Maria (“Magnificat” – 1.46-55), o cântico de Zacarias, pai de João Batista (“Benedictus” – 1.68-79), o cântico dos anjos (“Gloria in excelsis” – 2.14) e o cântico de Simeão (“Nunc dimittis” – 2.29-32). No Apocalipse está escrito que os remidos entoam um “novo cântico” nos céus (5.9; 15.3).

2. A música na História da Igreja.

Desde o início, a música tem sido uma característica marcante do culto cristão, em todas as gerações. Vejamos alguns poucos exemplos.

Ainda no quinto século foi produzido o grandioso hino *Te Deum laudamus* (“A ti, ó Deus, louvamos”). Por volta do ano 600, Gregório Magno, um notável bispo de Roma, incentivou uma importante reforma litúrgica que deu origem a um tipo característico de música cristã solene, o canto gregoriano.

Os reformadores protestantes do século XVI não deixaram de preocupar-se com o valioso recurso que é a música sacra. Todos conhecemos o grandioso hino “Castelo Forte é nosso Deus” (*Ein feste Burg ist unser Gott*), composto por Martinho Lutero. Calvino, por sua vez, contribuiu para a produção do Saltério de Genebra, uma coleção de salmos metrificadas que eram cantados pelos crentes reformados.

Evangélicos posteriores notabilizaram-se por suas contribuições à música sacra, tais como Carlos Wesley, que escreveu milhares de hinos; John Newton, autor do famoso “Amazing Grace” e o genial Johann Sebastian Bach, que em todas as suas composições colocava a expressão “Soli Deo gloria” (glória somente a Deus).

3. Princípios para a atividade musical cristã.

Dentre os vários princípios que devem reger a prática da música na igreja, um dos mais importantes é o da correta motivação. A Escritura deixa claro que, aos olhos de Deus, não basta fazer as coisas certas: é preciso fazê-las movidos por intenções apropriadas, por atitudes interiores íntegras e aceitáveis a Deus. É o que vemos, entre outros textos, em Colossenses 3, onde são apresentadas pelo menos três importantes motivações que devem nortear todos os aspectos da nossa vida, inclusive a nossa atividade musical:

- a) Louvor e gratidão (v. 16)
- b) Em nome do Senhor Jesus (v. 17)
- c) De todo o coração, para o Senhor (v. 23)

Em suma, usando uma sugestiva expressão do Salmo 33.3, devemos utilizar a música sacra “com arte e com júbilo”. Isso significa, por um lado, valorizar o aspecto técnico, a excelência musical, a preocupação de apresentar o que temos de melhor (“com arte”), nunca deixando de lado, todavia, a correta atitude interior com que isso deve ser feito – para a glória de Deus (“com júbilo”).

Que esses princípios, entre outros apresentados pela Escritura, possam fundamentar e inspirar a atividade musical em nossa igreja.

Dezembro de 2000

Rev. Alderi Souza de Matos